

Em palestras, Meirelles defende BC

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Alvo de constantes bordoadas dentro do governo, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, decidiu entrar em campo para tirar do Banco Central o peso da responsabilidade pelos baixos índices de crescimento econômico do país. Depois de um período de recolhimento, entre julho e outubro, período da disputa eleitoral, ele reforçou sua agenda pública com um objetivo concreto: rebater a todas as propostas que têm saído de dentro do governo para alavancar o potencial de expansão do Produto Interno Bruto (PIB). Nos bastidores, Meirelles tem dito que não há como ficar calado diante das "fantasias econômicas" que vêm sendo alardeadas, sobretudo no Ministério da Fazenda, como a de que se pode reduzir rapidamente as taxas de juros sem que isso provoque o retorno da inflação.

Em média, do início do ano até outubro, Meirelles aceitou convites para participar de três eventos públicos por mês. Nesse período, houve dois extremos: maio, quando esteve em nove encontros privados, e julho, em que ficou totalmente recluso. Mas desde o início de novembro, com a reeleição do presidente Lula já definida, sua agenda de eventos já inclui cinco aparições públicas, nas quais não se furtou em falar com a imprensa e mandar recados aos desafetos dentro do governo. Uma dessas aparições acontecerá no final desta semana, na Austrália, onde participará da reunião do G-20, grupo que reúne os países em desenvolvimento.

Curiosamente, a ida de Meirelles ao G-20 gerou um certo estresse no BC. Seus assessores ficaram melindrados em divulgar antecipadamente a participação no encontro, porque o ministro da Fazenda, Guido Mantega, foi proibido de ir à Austrália pelo presidente Lula, que o encarregou de preparar um pacote de

medidas para incrementar o crescimento econômico do país. Mantega e Meirelles mantêm uma convivência nada amigável dentro do governo.

Território demarcado

A meta de Meirelles ao partir para o ataque é demarcar seu território no governo e se manter no cargo no segundo mandato de Lula. O presidente da República, por sinal, já deixou claro que não fará mudanças no comando do BC e emitiu sinais inclusive de que não condicionará a permanência de Meirelles no cargo à demissão de diretores, como se aventou. Apesar desses indicativos, desde que terminou as eleições, o presidente do BC falou apenas duas vezes com Lula. Uma na semana seguinte da reeleição, quando o presidente tentou apagar o mal-estar criado pelos ministros da Casa Civil, Dilma

Rousseff, e de Relações Institucionais, Tarso Genro. Antes mesmo de a Justiça eleitoral declarar Lula vitorioso, eles afirmaram que havia acabado a "era Palocci", da qual Meirelles foi um dos ícones.

A segunda conversa se deu ontem, quando Lula reuniu a equipe econômica para discutir as propostas preparadas pela Fazenda e pelo Planejamento para ampliar a capacidade de crescimento do país. Nesse encontro, Meirelles foi decisivo para que não se colocasse em dúvida o controle da inflação e o cumprimento da meta de superávit primário de 4,25% do PIB. O ajuste fiscal, com forte contenção dos gastos públicos, tem sido um dos temas principais das palestras do presidente do BC nos eventos que ele tem usado para rebater o fogo amigo que insiste em detoná-lo.

